



Antonio Carlos Galvão Leite Sobrinho <gleite@uol.com.br>

■ Padre Católico, Filósofo e Teólogo.

Palavras Chave:
→Jó
→Javé
→Teologia
→Povo Hebreu
→Babilônia

Tréplica a Jó

De autoria de um padre católico, este artigo nos remete a Deus e sua graça e misericórdia incondicionais, e por isso mesmo, divinas. Para Ele, nada do que o homem diga ou deixe de dizer, nada do que venha a ser ou deixar de ser, implicará perda ou ganho de Seu amor

William Blake.
Gravura de "O Livro de Jó", 1825.

“
mostrar o
papel da Graça na
Teologia Cristã
”

Inicialmente, na verdade necessária, declaro-me ignorante em Psicologia. Melhor seria dizer, não passo de semi-alfabetizado neste campo. Conheço conceitos junguianos e freudianos. Até sei usá-los com relativa propriedade em casos concretos de aconselhamento. Sou padre católico e, como tal, no exercício de meu ministério, especialmente no sacramento da Confissão, deparo com ocasiões em que emprego tais categorias; com muito, muito cuidado. Mas entendo que, ao fazê-lo exerço uma saudável “interdisciplinariedade”, sem considerar-me expert no assunto... Infelizmente não costumo encontrar a mesma reciprocidade nos psicólogos que adentram o terreno tão nuanciado da Teologia, pois inúmeras vezes encontramos pareceres de psicólogos sobre assuntos teológicos que evidentemente demonstram um desconhecimento deste universo, embora se autorizem aos mesmos. Alguns de forma categórica, quase como se fossem PhDs em Teologia.

Apropriam-se da linguagem e dos conceitos, ignoram conquistas e descobertas da exegese bíblica. Enfim, apresentam belas, completas e incríveis... opiniões teológicas. Ainda bem que muitos – e cada vez mais profissionais da área – estão descobrindo humildemente que necessitam da assessoria de um teólogo quando o assunto é teologia. É claro que uma “interpretação psicológica do dogma da Trindade” não necessita – na parte do “psicológica” – do dedo de um teólogo. Mas, lendo esta obra excelente em muitos aspectos, parece claro que Jung não falava da Trindade Cristã. Ele usa *en passant* o teologúmeno, mas fala de outra coisa... As comparações feitas entre a Trindade e as tríades de outras religiões são teologicamente muito imprecisas. Às vezes, inclusive, erradas.

No livro “Resposta a Jó” algo parecido se desenha. Por isso pensei em escrever este pequeno trabalho. Nada pretendo na área da Psicologia, a não ser despretensiosamente mostrar o papel da Graça na Teologia Cristã. Assim o faço, usando meus conhecimentos e paixão pela Teologia, na qual me sinto à vontade para exercer minha inspiração. Que os psicólogos que tiverem tempo ou vontade de ler este artigo tirem as conclusões psicológicas que acharem pertinentes.

O livro bíblico de Jó é um escrito sapiencial. Seu núcleo temático foi composto na época do Exílio do povo hebreu na Babilônia. Naquela terrível experiência, o povo toma consciência da base substancial de sua vida, de sua história: Javé e Seu Projeto. Na Palestina a nação teve tempos áureos como aqueles sob os reinados de Davi e Salomão: conquistas territoriais consideráveis, riqueza e luxo; a grandiosidade da Jerusalém salomônica, com um palácio que figurava entre as Sete Maravilhas do Mundo Antigo. O Templo! E é claro, as instituições que circulavam e mantinham tais realidades: o Rei, o Sacerdócio, os Sábios...

Ocorre, então, em 722 aC, o Exílio imposto pelos Assírios ao Reino do Norte, Israel. Em 598 aC, a Babilônia domina o cenário mundial e deporta parte do povo – a parte nobre – para seu país. Esta deportação é seguida de outra, em 587. Na ocasião, levados como escravos para a Babilônia, os judeus ainda puderam divisar a destruição total de Jerusalém e o saque aos tesouros do Reino e do templo, além de assistir à procissão de seus governantes, sacerdotes e comerciantes rumo ao Cativo.

O Salmo 137 (136) mostra, no estilo poético dos salmos, a dor que o povo experimentou neste período:

*“Junto aos rios da Babilônia sentamo-nos a chorar, lembrados de Sião.
Nos álamos, ali perto, suspendemos nossas harpas.
Então nossos deportadores pediam cânticos; nossos verdugos, alegria:
“Cantai para nós cânticos de Sião!”
Como entoar um cântico do Senhor em terra estrangeira?
Se me esquecer de ti, Jerusalém, que se paralise minha mão direita!
Pegue-se minha língua ao paladar, se me esquecer de ti,
se não puser Jerusalém no auge de minhas alegrias!”*

A dor e a revolta eram tamanhas, que mesmo os princípios mais básicos e elementares de civilidade afundam no mar revolto do ódio. Ao final do salmo, o Autor clama:

*“Filha da Babilônia, que serás devastada, ditoso quem te der
a paga do mal que nos causaste!
Ditoso quem agarrar teus recém-nascidos e os esmagar contra o rochedo!”*

Deserdados de tudo, percebem o que lhes restara: Javé. Esta experiência marcou o povo com a certeza de que mesmo perdendo riquezas como terra, monarquia, nobreza, templo etc, permaneceria a única riqueza que sempre tiveram, Javé! Tudo o mais era dom, graça dele. Não garantia da presença. Não agradecimento e paga de Deus. Graça, pura graça. Toda a história do povo é relida a partir de então. É durante o Exílio que vários livros da Bíblia são compostos, especialmente alguns que tratam de mostrar a “versão oficial” da desgraça: “pecamos, pagamos”. Desobedecemos Javé, perdemos o Paraíso.

Com Ciro, Rei da Pérsia (que se tornara a potência política e militar da época), o povo recebe permissão para retornar à Palestina, em 538. Auxiliados até financeiramente pelos persas, o povo tem que reconstruir suas cidades, seus lugares políticos e religiosos. Mas a tarefa mais dura seria reconstruir sua identidade. Aqui, em meio a esta árdua tarefa, iluminando o espírito da época enquanto o traduz magistralmente, aparece o livro de Jó.

Diversidades no vocabulário, no estilo e no ambiente cultural e religioso dão a entender que o livro foi escrito por etapas. Resquícios de vocabulário do período persa e algumas circunstâncias históricas e culturais fazem supor que ele tenha surgido no século V ou IV aC, após o exílio babilônico, e seus acréscimos, no mais tardar no século III aC. O prólogo e o epílogo são reformulação literária de um conto didático da tradição oral dos sábios do antigo Oriente Médio não-israelita.

O coração do livro, ao contrário do que se costuma crer, não é uma prova da paciência infinita de um homem que, torturado pela catástrofe, pela miséria, pela doença, pelo abandono, jamais se revolta contra Deus. Essa é a interpretação mais comum e muito equivocada deste livro. Na verdade, a pergunta subjacente era: “por que o justo sofre?” Desta, acaba por decorrer outra, mais abrangente: “Por que existe o sofrimento no mundo?” E por meio desta última, chega-se ao pungente e atual questionamento: “Qual a origem do mal?”

Muitas respostas foram dadas naquele tempo e ainda hoje. A linha dominante, a resposta “ortodoxa” daquela época – e de muitas cabeças de hoje – é a “teologia da

“
Deserdados
de tudo,
percebem
o que lhes
restara: Javé
”

“
Jó, após perder
tudo, descobre
[que] até a
desgraça é graça!
”

retribuição" que, como vimos acima, naturalmente se impôs num período de reconstrução, mobilizando os ânimos para a "conversão a Javé", ao passado do Povo, à fidelidade à Aliança. No texto de Jó, tal teologia está representada por seus três "amigos". Eles tentam convencer nosso herói de que alguma ele aprontara para estar passando por tudo aquilo... A justiça de Deus era inquestionável, logo em algo ele pecara para estar sendo tão cruelmente atacado por Deus. Ou, pelo menos - outra variante -, abandonado por Deus a tantos dissabores.

A Resposta de Jó aos amigos, ou melhor, à teologia da retribuição é deixar claro que não se reconhecia pecador e, pois, merecedor daquele castigo. Não aceita capitular e pedir perdão nem se sentir culpado de coisa alguma. É claro que atormentado pelos fatos e apertado pelas críticas e investidas dos amigos, Jó acaba por questionar o próprio Deus, num sofrido e sonoro "por quê?..." O jovem Eliú representa uma personagem interessante enquanto ajuda Jó a sair do aparente impasse a que as discussões chegaram.

"Não tens razão, eu te digo, pois Deus é maior do que o homem. Como te atreves a acusá-lo por ele não prestar contas de nenhum de seus atos?" (Jó 33,12-13).

Retirando-se do discurso do jovem a mistura de teologia da graça e teologia da retribuição que o permeia –

"Ele retribui ao homem segundo suas obras e dá a cada um conforme o seu proceder. Na verdade, Deus não pratica o mal, o Poderoso não falseia a justiça. Quem lhe confiou o governo da terra, quem estabeleceu o universo inteiro?" (Jó 34,11-13)

– nele encontramos prenúncios do que o próprio Deus dirá a Jó.

A grande surpresa, porém, é que Deus não responde... Deus não explica, não se explica. Deus não se cala ante a dor e o sofrimento da criatura, mas não levanta o véu do mistério... Jó, após perder tudo, descobre exatamente isso: na verdade, tudo é graça! E já que ele aprendeu com ela, até a desgraça é graça! Ele, no diálogo final com Javé, toma consciência (teologicamente falando) da existência e da inexorabilidade do mistério. Aprende que – assim como as posses que tinham não eram uma recompensa de Deus à sua justiça, bondade etc – as perdas não são castigo. Ele aprendeu com as perdas que há um núcleo essencial, uma "substância" que nunca se perdera. Seus amigos tentavam convencê-lo da culpa de Jó, ou seja, da desgraça como retribuição da parte de Deus. Jó, ao descobrir e ver Deus face-a-face, ao conhecer pessoalmente e não mais de ouvir falar, cresce: *"Conhecia-te só de ouvido mas, agora, viram-te meus olhos"* (Jó 42,5).

A 1ª Epístola de João afirmará mais tarde que a visão de Deus nos transforma, faz-nos semelhantes ao contemplado: *"Sabemos que, quando ele aparecer, seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal qual ele é"* (1Jo 3,2). Jó contempla uma Verdade que o transfigura. "Contemplando" antes uma caricatura de Deus, ele apenas encontrava uma caricatura de si mesmo. Agora, conhece como é conhecido (cf 1 Cor 13,12).

Por tudo isso, um conceito novo de graça emerge: a Graça é pura graça. Não se trata de tautologia pura e simples, mas de recuperar o sentido das coisas, das palavras,



William Blake.
Gravura de "O Livro de Jó", 1825.

dos conceitos. Se há merecimento, já não há graça, mas "pagamento". São Basílio (séc. IV) nos ensina que

"ou nos afastamos do mal por medo do castigo, estando assim na posição do escravo; ou buscamos o atrativo da recompensa, assemelhando-nos aos mercenários; ou é pelo bem em si mesmo e por amor de quem manda que nós obedecemos., e estaremos então na posição de filhos".

A culpa já não tem espaço como tortura de quem se sente mal retribuidor da Graça, mas como a dor construtiva de quem sabe que não amou como deveria ter amado. O medo se afasta e dá lugar à busca de conversão, entendida agora como "um modo mais perfeito de amar". Santa Terezinha dizia que lhe doía muito saber que *"o Amor não é amado"*...

Graças a Deus, literalmente falando, nada do que o homem faça ou deixe de fazer; nada do que um homem diga ou deixe de dizer; nada do que venha a ser ou deixar de ser, implicará perda ou ganho do Amor de Deus. Ele já nos alertara sobre isso em outro texto da época do Exílio:

"Ainda que cedam os montes e as colinas se abalem, minha benevolência jamais se afastará de ti, e minha aliança salutar ficará inabalável, diz o Senhor que se compadece de ti" (Is 54,10).

Golpe em nosso orgulho humano? Esta misericórdia nos diminui? Esta "irresponsabilidade" nos torna menores do que supúnhamos? Ou será que, livres do olhar policial do Divino, poderemos crescer e descobrir que, se Deus não mais nos carrega no colo, pois já não somos crianças, Seu olhar de Pai continua nos seguindo e orientando nossos passos? 📖